
ENTRE A CIÊNCIA E A RELIGIÃO: a imprensa espírita na disputa por hegemonia na Corte do Rio de Janeiro (1881- 1882)

*Alessandro Santos da Rocha
Marco Antonio de Oliveira Gomes
Italo Ariel Zanelato*

Resumo

O presente artigo analisa a perspectiva científicista que veio a lume na imprensa espírita do Rio de Janeiro, tendo como fonte a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, publicada entre 1881 e 1882. O objetivo consiste em compreender de que modo a lógica do discurso científico esteve presente na referida revista, com a finalidade de legitimar e difundir princípios da Doutrina Espírita no espaço público letrado da Corte, em um contexto marcado pela valorização da ciência. A perspectiva metodológica compreende a imprensa como espaço de circulação de ideias e de intervenção cultural, tomando como referência as formulações de Antonio Gramsci (1891-1937) acerca dos aparelhos privados de hegemonia. A partir desse referencial, entende-se a imprensa como meio de produção, organização e legitimação de valores voltados à difusão de concepções ideológicas que estão no interior da sociedade, especialmente entre os grupos letrados. A análise permitiu considerar que a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade articulou um segmento interessado em ir além da simples divulgação dos princípios doutrinários, evidenciando esforços para inserir o Espiritismo nos debates intelectuais da época. Nesse movimento, seus articuladores buscaram dialogar com o pensamento científicista vigente, por meio de estratégias que visavam conferir legitimidade à doutrina e ampliar sua inserção no espaço público, indicando, assim, uma atuação que se projetava sobre os rumos da Corte e sobre as discussões presentes no final do Império brasileiro.

Palavras-chave: imprensa espírita; espiritismo; científicismo; hegemonia.

BETWEEN SCIENCE AND RELIGION: spiritist press in the search for scientific legitimacy in the court of Rio de Janeiro (1881–1882)

Abstract

This article analyzes the scientific perspective that emerged in the Spiritist press of Rio de Janeiro, taking as its primary source the Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, published between 1881 and 1882. The aim is to understand how the logic of scientific discourse was present in this periodical in order to legitimize and disseminate the principles of Spiritist Doctrine within the literate public sphere of the Court, in a context marked by the valorization of science. The methodological approach considers the press as a space for the circulation of ideas and cultural intervention, drawing on Antonio Gramsci's formulations regarding private apparatuses of hegemony. From this perspective, the press is understood as a means of producing, organizing, and legitimizing values aimed at disseminating ideological conceptions within society, particularly among literate groups. The analysis shows that the Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade articulated a segment interested in going beyond the mere dissemination of doctrinal principles, demonstrating efforts to insert Spiritism into the intellectual debates of the time. In this process, its contributors sought to engage with prevailing scientific thought through strategies designed to confer legitimacy upon the doctrine and to expand its presence in the public sphere.

This indicates a form of intervention that extended to the broader directions of the Court and to the debates taking place in the final decades of the Brazilian Empire.

Keywords: spiritist press; spiritism; scientism; hegemony.

ENTRE LA CIENCIA Y LA RELIGIÓN: la prensa espírita en la búsqueda de legitimidad científicista en la Corte de Río de Janeiro (1881–1882)

Resumen

El presente artículo analiza la perspectiva científicista que salió a la luz en la prensa espiritista de Río de Janeiro, tomando como fuente la Revista de la Sociedad Académica Deus, Christo e Caridade, publicada entre 1881 y 1882. El objetivo consiste en comprender de qué modo la lógica del discurso científico estuvo presente en dicha revista, con la finalidad de legitimar y difundir los principios de la Doctrina Espírita en el espacio público letrado de la Corte, en un contexto marcado por la valorización de la ciencia. La perspectiva metodológica concibe la prensa como un espacio de circulación de ideas y de intervención cultural, tomando como referencia las formulaciones de Antonio Gramsci acerca de los aparatos privados de hegemonía. A partir de este referencial, se entiende la prensa como un medio de producción, organización y legitimación de valores orientados a la difusión de concepciones ideológicas en el interior de la sociedad, especialmente entre los grupos letrados. El análisis permitió considerar que la Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade articuló un segmento interesado en ir más allá de la simple difusión de los principios doctrinarios, evidenciando esfuerzos por insertar el Espiritismo en los debates intelectuales de la época. En este proceso, sus articuladores buscaron dialogar con el pensamiento científicista vigente mediante estrategias orientadas a conferir legitimidad a la doctrina y a ampliar su inserción en el espacio público, indicando, así, una actuación que se proyectaba sobre los rumbos de la Corte y sobre las discusiones presentes en el final del Imperio brasileño.

Palabras clave: prensa espírita; espiritismo; científicismo; hegemonía.

INTRODUÇÃO

A imprensa espírita brasileira tem sido analisada, de modo recorrente, em estudos que buscam compreender sua inserção no contexto da segunda metade do século XIX. Tais abordagens indicam a necessidade de meios capazes de divulgar ideias oriundas da França, especialmente aquelas vinculadas aos princípios sistematizados por Allan Kardec, pseudônimo do francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869). Seja em trabalhos de natureza historiográfica, sociológica ou teológica, é difícil negar que o espiritismo adentra o Brasil em um momento no qual o catolicismo apresentava sinais de desgaste, assim como o próprio Império, que lhe conferia sustentação por meio do regime do padroado. Nesse cenário de transformações, a imprensa assume um papel decisivo. De modo particular, para a história da educação, é possível compreender a imprensa espírita como um espaço que articulava jornais, revistas e panfletos no interesse de evidenciar estratégias pedagógicas informais voltadas à aproximação de seu público leitor a uma formação de caráter científicista, em expansão nos círculos letrados, sobretudo na corte do Rio de Janeiro.

Ao se inserir em um ambiente dominado por uma elite intelectual letrada, a imprensa espírita buscava não apenas participar, mas também reposicionar-se nos debates que se estabeleciam em torno do progresso, categoria central no pensamento oitocentista. Não é exagero afirmar que tal horizonte era perseguido por diferentes sujeitos que se constituíam como intelectuais do espiritismo brasileiro e que estiveram à frente de periódicos comprometidos com a

difusão de suas ideias. Para tanto, apropriaram-se de uma linguagem próxima àquela empregada por outros órgãos da imprensa, marcada por referências ao cientificismo e à racionalidade. É nesse sentido que se toma a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade como objeto de investigação, na medida em que ela permite observar, com maior nitidez, o modo como seus articuladores dialogavam com as demandas e tensões de seu tempo.

Para compreender a função dessa imprensa no interior da sociedade oitocentista, parte-se do pressuposto de que os periódicos espíritas, e, em particular a revista aqui analisada, contribuíam para organizar e dar forma a elementos valorizados pela cultura letrada da Corte. Não por acaso, seus colaboradores empenhavam-se em sustentar a ideia de que os fenômenos, até então considerados ocultos para a ciência, deveriam ser estudados sob critérios semelhantes aos das demais ciências naturais. Tal movimento não implicava apenas a adoção de uma linguagem científica, indicava também a tentativa de conferir legitimidade a um campo de saber em formação. Nesse ponto, o diálogo com as formulações de Antonio Gramsci (1979; 2001) mostra-se produtivo, sobretudo no que se refere à compreensão dos aparelhos privados de hegemonia. Ainda que o contexto de análise de Gramsci esteja vinculado à realidade italiana do início do século XX, seus conceitos permitem iluminar processos históricos distintos, especialmente quando se busca compreender como determinados grupos se organizam para produzir e difundir concepções de mundo.

Assim, trata-se de reconhecer que a imprensa pode ser entendida como um espaço de mediação cultural, no qual intelectuais atuam na organização e circulação de ideias. No caso em questão, uma revista vinculada a uma sociedade acadêmica espírita, composta por sujeitos inseridos na cultura letrada, configura-se como um locus privilegiado para a produção e difusão de determinadas interpretações da realidade. Nesse sentido, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: em que medida a imprensa espírita da Corte, representada pela Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, participou da formulação e difusão de proposições científicas em circulação no Rio de Janeiro no momento de sua publicação?

Para responder a essa questão, optou-se por utilizar as categorias de hegemonia e aparelhos privados de hegemonia, conforme já indicado. Do ponto de vista metodológico, a análise fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e documental, tomando como base os exemplares do periódico disponíveis na Hemeroteca Digital, bem como a literatura especializada sobre o tema. Tal percurso permite acompanhar, desde a chegada do espiritismo ao Brasil, o modo como a imprensa a ele vinculada atuou pedagogicamente, difundindo um pensamento que buscava afirmar-se como científico e, ao mesmo tempo, oferecer respostas às inquietações de uma sociedade em transformação.

A IMPRENSA ESPÍRITA BRASILEIRA E O SEU DESENVOLVIMENTO NA CORTE DO RIO DO JANEIRO

A imprensa espírita brasileira deu seus primeiros passos no século XIX, em Salvador, sob o pioneirismo de Olímpio Teles de Menezes, que atuava como bibliotecário e jornalista na capital baiana. Coube a ele a primeira tradução de um livro espírita publicado no Brasil. De acordo com autores como Damazio (1994), Giumbelli (1997) e Arribas (2008), foi também de sua autoria a publicação do primeiro periódico espírita, que, sugestivamente, carregava o título *O Echo do Além-túmulo*. No entanto, foi na corte do Rio de Janeiro que o movimento encontrou terreno fértil para se expandir. Naquele momento, emergia na corte uma cultura intelectual conectada às tendências

européias, especialmente ao pensamento cientificista, que pretendia responder aos problemas colocados à interpretação dos diversos fenômenos, fossem eles sociais, biológicos ou naturais.

A intensidade dos debates promovia uma verdadeira busca por reformular um pensamento ainda fortemente apoiado em dogmas religiosos. A compreensão que se afirmava era a de que o mundo poderia ser explicado a partir de leis e princípios observáveis, afastando-se das explicações baseadas exclusivamente em um universo oculto. Nesse horizonte, não está distante a formulação de Allan Kardec ao sistematizar o Espiritismo, justamente na tentativa de oferecer explicações para fenômenos então classificados como sobrenaturais.

A história do espiritismo no Rio de Janeiro (RJ) se confunde com a história da própria cidade e do momento político, social e cultural que ela vivia. Enquanto em 1873 o grupo de Teles de Menezes já tentava unir o movimento nacional com sua ‘Associação’, o RJ conhecia ainda o seu primeiro agrupamento espírita, pelo menos o primeiro com estatutos definidos: o ‘Grupo Confucius’, fundado em 2 de agosto de 1873. [...] Se o RJ demorou a se projetar nacionalmente com relação ao espiritismo, essa projeção quando começou a acontecer, aconteceu de forma rápida. Foi, por exemplo, no Rio de Janeiro que surgiu, em 1875, a primeira tradução integral de uma obra de Kardec [...] (Conceição, 2013, p. 13).

Esse processo foi além de contribuir para a difusão do Espiritismo, ele também dialogou diretamente com ideologias progressistas em circulação na segunda metade do Império. As ideias de viés científico contrastavam com a hegemonia católica, que, até então, monopolizava o ambiente letrado e resistia a perspectivas que desafiassem seu domínio. Nesse cenário, a aproximação entre ciência e doutrina espírita abriu caminho para uma forma particular de pensar o progresso, na qual se buscava articular o desenvolvimento científico a fundamentos morais e filosóficos próprios.

Allan Kardec, na sua investigação com base nas manifestações espíritas, procurou formular o Espiritismo como ‘uma ciência de observação e uma doutrina filosófica’. Dessa forma, diferentemente das tradições religiosas da época, Kardec sempre se preocupou em consolidar e apresentar os conceitos espíritas em associação com as ideias científicas aceitas então, com o objetivo de integrá-lo à cultura vigente. Fez isso nas várias obras espíritas que publicou, em particular com referência aos campos contemporâneos da astronomia, da química, da física, da geologia, da paleontologia, da biologia, não para congelar as noções científicas do seu tempo no corpo do Espiritismo, mas, ao contrário, para apresentá-las em diálogo com os conceitos espíritas (Terini, 2024, p. 2).

A partir da década de 1870, a estruturação de novos horizontes de pensamento ganhou força com o surgimento de grupos e associações dedicados à Doutrina Espírita. Nesse processo, a imprensa não se limitou a um meio de divulgação, mas constituiu-se como ferramenta estratégica de afirmação. Os periódicos foram fundamentais para a construção de uma identidade e para a busca de legitimidade junto à elite letrada brasileira. Ao mesmo tempo, essa atuação evidencia o papel dos impressos na organização do debate público, em uma dinâmica que se aproxima da noção de hegemonia formulada por Antonio Gramsci (2001), ao compreender a cultura como um campo estruturado por consensos e disputas.

Dessa forma, os periódicos espíritas configuraram-se como espaços de formação intelectual, voltados a sujeitos que buscavam reconhecimento em uma Corte cada vez mais orientada pelos ideais de progresso. Ao se apropriarem do vocabulário científico em circulação, esses autores procuravam alinhar a nova doutrina ao espírito de racionalidade que marcava a modernidade oitocentista. Nesse sentido, a imprensa espírita não pode ser compreendida apenas

como expressão religiosa, mas como parte de um movimento mais amplo de intervenção no espaço público letrado, em franca expansão na cidade do Rio de Janeiro.

No meio intelectual predominava a crença de que a conversão às ideias modernas excluiria a religiosidade. Havia uma intensa busca das leis da natureza e da sociedade. A ciência e o materialismo encontravam-se fortemente entrelaçados [...] Parecia que o cientificismo se consolidara de forma definitiva, ao menos nos meios mais intelectualizados; parecia que tal estado acarretaria o fim da religiosidade, mas isso não aconteceu (Almeida; Gomes; Pimentel, 2020, p. 214).

A discussão sobre a ciência e os fenômenos científicos era recorrente na imprensa periódica da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Jornais e revistas, como a *Gazeta Médica do Rio de Janeiro* (1862–c. 1900), a *Revista Brasileira* (1879–1899), a *Revista do Observatório* (1876–1891), os *Anaes da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro* (a partir da década de 1880) e, no campo específico da imprensa espírita, *O Reformador* (fundado em 1883), serviam a esse propósito. Esses periódicos tinham em comum a função de divulgar perspectivas científicas, ainda que a partir de matrizes distintas, mobilizando uma linguagem que buscava conferir legitimidade às suas proposições.

No interior desse cenário, a imprensa assumia papel central na circulação e validação de ideias, configurando-se como espaço privilegiado de formação de uma cultura letrada alinhada aos ideais de progresso e racionalidade. Como observa Schwarcz (1993, p. 43), o período foi marcado pela ampla difusão de “[...] modelos científicos que pretendiam explicar a sociedade brasileira à luz de teorias gerais”. Ao mesmo tempo, conforme destaca Alonso (2002), esses impressos constituíam espaços de intervenção intelectual, nos quais diferentes grupos buscavam afirmar suas concepções de mundo.

É nesse contexto que a imprensa espírita se insere, apropriando-se de elementos do vocabulário científico e das formas discursivas consagradas pelos periódicos especializados, com o intuito de legitimar suas formulações. Assim, periódicos como a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade* passam a integrar esse circuito mais amplo de produção e difusão de ideias, evidenciando que o cientificismo não era monopólio da ciência institucional, mas uma linguagem compartilhada e disputada no espaço público letrado da Corte.

A Sociedade contava bom numero de membros, dos quaes um pequeno grupo, não contaminado pelo vicio do desanimo, animado pelo espirito de associação, fundou n’esta capital, aos 26 de Abril de 1876 a Sociedade de Estudos Spiritas — Deus, Christo e Caridade. [...] Das tentativas do espirito de revolta no seio da Sociedade, resultou da primeira vez, a criação do Grupo Ismael, e da segunda, a do Grupo Caridade (Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, 1881, p. 171-172).¹

A constituição da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade não se deu de maneira linear ou isenta de tensões, mas foi resultado de um processo marcado por disputas internas, reorganizações e tentativas de consolidação institucional. Ainda assim, observa-se que tais dificuldades não impediram a formação de um núcleo relativamente coeso, capaz de articular práticas associativas, produção intelectual e circulação de ideias. Esse percurso evidencia que o Espiritismo, ao se organizar na Corte, não apenas estruturava suas bases doutrinárias, mas também

¹ As citações extraídas da fonte foram mantidas conforme a grafia original, preservando-se as características linguísticas próprias do período.

construía formas de sociabilidade e atuação que dialogavam diretamente com os modelos organizativos da cultura letrada do período.

É importante destacar que a revista vinculada a essa sociedade deve ser compreendida como expressão desse processo mais amplo de institucionalização e afirmação. Mais do que um simples veículo de divulgação, ela se configura como espaço de sistematização de saberes, de registro das atividades do grupo e de intervenção no debate público. Ao usar uma linguagem marcada pelo cientificismo e ao se aproximar de formatos próprios dos periódicos acadêmicos, seus articuladores não se restringiam à difusão da doutrina, estendendo-se também ao esforço de posicioná-la no interior das disputas por legitimidade cultural que caracterizavam a Corte do Rio de Janeiro nas últimas décadas do Império

O ACADEMICISMO COMO FUNDAMENTO DO CIENTIFICISMO NA REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE

Ao nos voltarmos a uma análise da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade*, não há como nos desvencilharmos de sua abordagem academicista, aspecto já sugerido pelo próprio título do periódico, bem como pelos interesses da organização que o sustentava. O projeto editorial evidencia que seu objetivo não se restringia à divulgação da doutrina, mas também à constituição de um espaço no qual ideias de caráter cientificista pudessem circular e se afirmar no interior da cultura letrada da Corte.

A forma discursiva presente na revista mobiliza referências que indicam estratégias voltadas à inserção no debate do campo científico, buscando construir um lugar de legitimação para os intelectuais vinculados à imprensa espírita, ao mesmo tempo em que procurava alcançar o estatuto de veículo de comunicação de uma elite letrada engajada na condução e difusão do espiritismo no Rio de Janeiro. Nesse sentido, como observa Allan Kardec, ao definir o espiritismo como uma doutrina fundada na observação e na experimentação, “[...] ele não impõe nenhuma crença, mas convida ao exame e à razão” (Kardec, 2004, p. 23), o que ajuda a compreender a ênfase recorrente, nesses periódicos, em uma linguagem que busca se aproximar do campo científico.

Essa perspectiva se torna ainda mais evidente no editorial inaugural da revista, no qual se explicita a função que o periódico deveria desempenhar no interior da sociedade:

A Sociedade tem a árdua missão de crear a Academia que, como todas as outras, deve concorrer para o progresso da humanidade, pela investigação da verdade, à luz da sciencia espírita. Essa academia, observando, comparando e theorizando todos os ramos de conhecimentos humanos, teria um proceder anti-scientífico, si deixasse occulto nos arquivos o resultado de seus estudos.

D’ahi a necessidade da publicação da Revista, onde serão pouco a pouco registradas as leis estudadas [...]

Expor francamente as suas idéas, é dever de todo aquelle que está de boa fé; porque, tornando publico e notorio o seu pensamento, sujeita-o à critica, à discussão, de onde nasce a luz.

E si assim é, porque não cumpriremos esse dever?” (Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, 1881, p. 1).

A revista apresentava um formato editorial estruturado, composto por editorial, seções temáticas, seções livres e expediente, no qual se registravam as reuniões. Ao final de cada número, incluíam-se índice e sumário, evidenciando uma organização sistemática do conteúdo publicado. Essa configuração revela uma clara aproximação com os modelos editoriais em circulação na época,

marcados pela ordenação dos conteúdos e pela tentativa de conferir racionalidade à exposição das ideias.

A partir disso, observa-se que a revista organizava suas matérias de modo a se aproximar de outros periódicos contemporâneos. Suas publicações apresentavam seções dedicadas a debates doutrinários, comunicações da sociedade, reflexões de cunho científico e textos voltados à moral e à organização social, indicando um esforço de sistematização do conhecimento e de diálogo com diferentes campos do saber. Tal característica pode ser compreendida à luz das análises de Tania Regina de Luca (2005), ao apontar a imprensa como espaço privilegiado de produção e circulação de saberes no século XIX.

Os textos que compunham a revista apresentavam análises estruturadas, com introdução, desenvolvimento e encaminhamentos finais voltados à resolução de problemas formulados sob a forma de questões científicas ou filosóficas. Buscava-se, assim, sustentar argumentos racionais capazes de validar as proposições apresentadas. Essa organização não se dava ao acaso, mas respondia à necessidade de inserir o Espiritismo em um campo de disputas no qual a autoridade do discurso científico se apresentava como elemento central de legitimação.

Além disso, o vocabulário mobilizado pelos autores evidencia a incorporação de categorias oriundas do cientificismo oitocentista, em especial aquelas vinculadas à lógica positivista. Termos como *prova*, *experiência*, *observação* e *lei* aparecem de forma recorrente, operando como dispositivos de validação das ideias defendidas. Tal escolha lexical revela não somente uma estratégia retórica, mas também a tentativa de construir uma racionalidade própria, capaz de dialogar com os paradigmas científicos em circulação, ao mesmo tempo em que os ressignifica à luz da Doutrina Espírita, em um movimento que, como aponta Schwarcz (1993), caracterizou amplamente o ambiente intelectual do período.

Outro aspecto relevante diz respeito à forma como a revista se apresenta institucionalmente. Ao vincular-se a uma *sociedade acadêmica*, o periódico não apenas nomeia um coletivo, mas reivindica para si um lugar específico no interior da cultura letrada da Corte. A noção de *academia* remete a espaços de produção e circulação de saber legitimado, reforçando a intenção de seus idealizadores de posicionar o espiritismo como um campo de conhecimento dotado de rigor, método e coerência interna.

Essa dimensão institucional também se expressa na publicação de atas, comunicações e textos que registram atividades da sociedade, conferindo ao periódico um caráter híbrido, que articula produção teórica e organização associativa. Tal articulação fortalece a compreensão da revista como instrumento de consolidação de um grupo intelectual que se reconhece enquanto tal e que busca intervir no debate público por meio de uma linguagem que reivindica cientificidade.

À luz das formulações de Antonio Gramsci, é possível compreender esse academicismo como parte de uma estratégia mais ampla de construção de legitimidade cultural. Ao adotar formas e conteúdos associados ao campo científico, a revista atua como um aparelho privado de hegemonia, empenhado em produzir e difundir uma determinada concepção de mundo. Nesse processo, o recurso ao discurso científico não apenas sustenta a doutrina, mas também contribui para a formação de um público leitor capaz de reconhecê-la como válida e plausível.

Dessa forma, o academicismo da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* não se reduz a uma mera imitação de modelos científicos, mas constitui-se como prática consciente de inserção em um campo de disputas intelectuais. Trata-se de um esforço de elaboração discursiva que visa, simultaneamente, afirmar o espiritismo como saber legítimo e consolidar uma rede de produção e circulação de ideias no interior da sociedade brasileira do final do século XIX.

O CIENTIFICISMO E A CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA PELA IMPRENSA ESPÍRITA

Ao avançarmos na análise da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade*, torna-se possível perceber que seu projeto editorial não se limitava à apropriação de uma linguagem científica já em circulação, mas se orientava também pela tentativa de constituir um espaço próprio de produção e difusão desse mesmo cientificismo. Trata-se, portanto, de compreender a revista não apenas como um meio de mediação, mas como um *locus* de elaboração de um discurso que buscava afirmar-se como científico em seus próprios termos, em diálogo, mas também em tensão, com os modelos consagrados pelas instituições científicas do período. Nesse sentido, como aponta Angela Alonso (2002), o final do Império foi marcado pela emergência de uma geração intelectual que buscava reorganizar o pensamento social a partir de novas matrizes explicativas, fortemente influenciadas pelo cientificismo e pelo evolucionismo.

Essa característica pode ser observada na maneira como determinados conteúdos são apresentados, sobretudo aqueles que tratam de temas tradicionalmente vinculados às ciências naturais e à filosofia da natureza. No excerto intitulado *Uranographia Geral*, por exemplo, a reflexão sobre categorias como espaço e tempo revela uma tentativa de inserir o discurso espírita em um plano cosmológico mais amplo, aproximando-o de debates que, à época, circulavam no interior da astronomia, da física e da filosofia:

O tempo, como o espaço, é uma palavra definida por si mesma; d'elle fazemos uma idéa mais justa, estabelecendo sua relação com o do infinito. O tempo é a sucessão das cousas; está ligado a eternidade, da mesma maneira que essas cousas ao dito infinito (*Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade*, 1881, maio, p. 5).

A formulação não apenas mobiliza conceitos abstratos, como também os articula a partir de uma lógica que procura conferir coerência e inteligibilidade ao universo. Ao recorrer a noções como *sucessão das cousas*, *eternidade* e *infinito*, o texto aproxima-se de uma tradição filosófica que remonta tanto ao pensamento clássico quanto às discussões modernas sobre o tempo e o espaço, ao mesmo tempo em que busca inscrever o espiritismo nesse campo de reflexão. Tal movimento dialoga com o que Lilia Moritz Schwarcz (1993, p. 43) identifica como a difusão de “modelos científicos que pretendiam explicar a sociedade brasileira à luz de teorias gerais”, indicando que o cientificismo não se restringia às ciências naturais, mas perpassava diferentes formas de interpretação do mundo.

Essa mesma preocupação em conferir densidade explicativa aos fenômenos pode ser observada na continuidade do trecho, quando se propõe um exercício imaginativo que remete à origem dos mundos e à constituição do tempo: “Supponhamos nossa origem no nosso mundo, nessa epocha primitiva em que a terra se não balançava ainda sob o impulso divino; em uma palavra, no começo da Genese.” (*Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade*, 1881, maio, p. 5).

Ao articular referências que transitam entre a linguagem científica e a tradição bíblica, o texto evidencia um esforço de conciliação que não elimina as tensões entre ciência e religião, mas as reinscreve em uma nova chave interpretativa. Nesse sentido, a revista não apenas reproduz o cientificismo vigente, mas o reconfigura, buscando construir uma narrativa que permita integrar diferentes formas de explicação do mundo, movimento semelhante ao observado por Emerson Giumbelli (1997) ao analisar as estratégias de legitimação do espiritismo no Brasil.

A mesma lógica pode ser observada no texto *A Sciencia: sua genese e evolução*, no qual se explicita de maneira mais direta a tentativa de fundamentar o progresso humano a partir de princípios considerados científicos: “[...] o progresso é feitura da luta pela existencia.” (Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, 1881, junho, p. 163). Sobre o ideário que envolvia a noção de progresso, convém mencionar que:

A ideia de progresso atravessa uma série de sistemas de pensamento que marcaram a sociedade ocidental moderna. A filosofia positivista estabeleceu esta ideia como eixo interpretativo para toda a dinâmica social. Pela apreciação de categorias e estruturas análogas entre positivismo e espiritismo, com ênfase em sua ascensão no imaginário social brasileiro, este texto propõe-se a examinar esses movimentos como manifestações do poderoso ideário progressista (Souza; Bieites, 2015, p. 54).

A afirmação, claramente influenciada pelo vocabulário evolucionista, revela a incorporação de conceitos que circulavam amplamente no pensamento científico do século XIX, especialmente aqueles associados às leituras sociais do darwinismo. Como destaca Lilia Moritz Schwarcz (1993), o evolucionismo foi amplamente apropriado por intelectuais brasileiros, muitas vezes extrapolando o campo biológico e sendo utilizado como chave interpretativa para o desenvolvimento social.

Essa aproximação se torna ainda mais evidente quando o texto recorre à embriologia como modelo explicativo: “Pela embryogenia, vemos que o homem começa por uma cellula - o ovulo, e protoplasma homogeneo, e percorre na vida intra-uterina - vida fetal - a serie animal, a escala edos seres animados [...]” (Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo E Caridade, 1881, junho, p. 163).

Aqui, a referência direta a um campo específico do saber científico não apenas reforça a pretensão de cientificidade do discurso, mas também indica uma estratégia de legitimação baseada na autoridade das ciências naturais.

Assim, os conceitos do Espiritismo e das Ciências Naturais deveriam se complementar e se apoiar mutuamente e, não, se opor. Mas a visão da Ciência não é estática, desenvolve-se com o tempo: teorias surgem e, posteriormente, a partir de novos fatos, são derrubadas por novas teorias mais acuradas e completas, consecutivamente. Kardec, como educador e homem de Ciência, tinha consciência disso, e procurou deixar isso claro em suas obras espíritas (Terini, 2024, p. 2).

Ao apresentar esse tipo de argumento, os articuladores da revista buscavam demonstrar que o espiritismo não se colocava à margem do conhecimento científico, mas dialogava com ele e dele se apropriava para sustentar suas próprias formulações, em um movimento que, segundo Sylvia Damazio (1994), foi fundamental para a expansão do espiritismo entre os setores letrados.

Esse movimento de apropriação e reelaboração não se restringe aos conteúdos teóricos, mas se manifesta também na forma como a própria revista se apresenta e se posiciona no interior da sociedade. O trecho publicado no mês de agosto é particularmente elucidativo nesse sentido:

A Sociedade Academica Deus Christo e Caridade, fundada nesta Côrte a 3 de Outubro de 1879, acaba de crear a sua revista mensal [...] deixa transluzir illustração e variados conhecimentos.” (Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, 1881, agosto, p. 249).

A ênfase na *illustração* e nos *variados conhecimentos* não é casual. Ela revela a intenção de situar a revista no interior de uma cultura letrada que valorizava a erudição e a circulação de saberes como marcas distintivas de legitimidade. Ao mesmo tempo, a menção à criação de uma biblioteca é

disposição de todas as classes da sociedade fluminense indica um esforço de ampliação do alcance dessas ideias, sugerindo que o cientificismo ali mobilizado não deveria permanecer restrito a um grupo fechado, mas alcançar um público mais amplo. Nesse ponto, a análise de Tania Regina de Luca (2005) contribui ao destacar a imprensa como espaço de mediação cultural e de difusão do conhecimento no Brasil oitocentista.

Dessa forma, o que se observa é que a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* não apenas se apropria do cientificismo em circulação, mas procura instituir um espaço próprio no qual esse discurso possa ser produzido, organizado e difundido. Trata-se de um movimento que envolve, simultaneamente, a construção de uma linguagem, a definição de um público e a afirmação de um lugar no interior das disputas intelectuais da Corte. Ao fazê-lo, seus articuladores foram além de reivindicar legitimidade para o espiritismo, mas também participaram ativamente da configuração de um campo no qual ciência e religião deixavam de ser esferas necessariamente opostas para se tornarem elementos de uma mesma estratégia de interpretação e intervenção no mundo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão de que a imprensa espírita, nos últimos anos do século XIX, não se limitou à função de difundir os conteúdos doutrinários deixados por Kardec, mas assumiu papel ativo na organização e circulação de ideias no interior da cultura letrada da Corte do Rio de Janeiro orientou esta análise. Ao tomar como objeto a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, foi possível examinar, de maneira mais detida, como esse processo se materializou. O problema que orientou esta investigação buscou compreender em que medida a imprensa espírita participou da formulação e difusão de proposições científicas em circulação na Corte no período de 1881 a 1882. A partir da análise documental dos números da revista, articulada ao referencial teórico-metodológico adotado, tornou-se possível identificar que essa participação não se deu de forma passiva, mas como parte de um movimento de inserção em um campo de disputas marcado pela valorização da ciência.

Nesse sentido, a revista revela um esforço sistemático de construção de legitimidade, ancorado na apropriação de estruturas próprias do campo científico. Tal movimento não se restringe à adoção de termos ou referências isoladas, mas se expressa na própria organização do periódico, na forma como os textos são estruturados e na escolha dos temas abordados. Ao tratar de questões relacionadas à cosmologia, à evolução das ciências e à organização do conhecimento, a revista não apenas dialoga com o cientificismo vigente, mas procura se constituir como espaço legítimo de produção desse saber.

Essa constatação permite avançar na compreensão de que o cientificismo, no contexto analisado, não era monopólio das instituições científicas formalizadas, mas circulava de maneira mais ampla no interior da sociedade, sendo apropriado por diferentes grupos que buscavam afirmar suas concepções de mundo. No caso da imprensa espírita, essa apropriação assume contornos específicos, uma vez que se articula diretamente à necessidade de legitimar uma doutrina que, ao mesmo tempo em que se apresentava como nova, precisava dialogar com os parâmetros de racionalidade reconhecidos pela elite letrada.

Ao longo do desenvolvimento do artigo, foi possível observar que a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* operava como um espaço de mediação cultural, no qual se articulavam diferentes registros discursivos. De um lado, mantinha-se a preocupação com a sistematização doutrinária e com a organização interna do movimento; de outro, evidenciava-se

um esforço contínuo de interlocução com o campo científico, por meio da mobilização de conceitos, categorias e modelos explicativos oriundos das ciências naturais e das correntes filosóficas em circulação.

Essa dupla dimensão permite compreender a revista como um instrumento de formação intelectual, voltado à constituição de um público leitor capaz de reconhecer o Espiritismo como um saber legítimo. Ao investir na construção de uma linguagem que reivindicava cientificidade, seus articuladores buscavam, simultaneamente, convencer e educar seus leitores, oferecendo-lhes ferramentas interpretativas que lhes permitissem situar-se no interior dos debates mais amplos que atravessavam a sociedade oitocentista.

A utilização das categorias de hegemonia e aparelhos privados de hegemonia mostrou-se produtiva para a interpretação desse processo, na medida em que permitiu compreender a imprensa como um espaço de disputa e de construção de consensos. A revista, nesse contexto, pode ser entendida como um instrumento por meio do qual um determinado grupo intelectual buscava organizar e difundir sua concepção de mundo, valendo-se, para isso, dos recursos disponíveis no campo cultural. Tal perspectiva demonstra que a atuação da imprensa espírita não se restringia à esfera religiosa, mas se projetava sobre o conjunto das relações sociais, contribuindo para a configuração de um campo de debates no qual diferentes projetos de sociedade estavam em disputa.

Outro aspecto relevante diz respeito à forma como a revista contribuiu para a construção de um espaço próprio de legitimação do cientificismo. Ao invés de apenas reproduzir discursos externos, o periódico buscou constituir-se como lugar de produção de conhecimento, no qual o espiritismo pudesse ser apresentado como uma alternativa interpretativa capaz de dialogar com as ciências e, ao mesmo tempo, oferecer respostas a questões que escapavam aos seus limites. Essa estratégia revela uma compreensão sofisticada do papel da imprensa, entendida não apenas como veículo de circulação, mas como instância de elaboração e validação de saberes.

Nesse processo, a noção de academicismo assume centralidade, na medida em que expressa a tentativa de aproximar o espiritismo dos padrões de produção do conhecimento reconhecidos pela cultura letrada. Ao adotar estruturas textuais organizadas, ao sistematizar conteúdos e ao investir na construção de uma linguagem técnica, a revista buscava afirmar-se como um periódico capaz de dialogar, em condições de igualdade, com outros órgãos da imprensa científica e literária do período. Essa aproximação não implicava a eliminação das especificidades da doutrina, mas sua reconfiguração em termos que pudessem ser reconhecidos como legítimos no interior do campo intelectual.

Por fim, cabe destacar que a análise realizada permite compreender a imprensa espírita como parte integrante das transformações mais amplas que marcaram o final do Império brasileiro. Ao se inserir nos debates sobre ciência, progresso e modernidade, a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* contribuiu para a construção de um espaço público no qual diferentes formas de conhecimento se confrontavam e se articulavam. Nesse contexto, o espiritismo emerge não apenas como uma crença religiosa, mas como um projeto intelectual que buscava afirmar-se por meio da linguagem da ciência, evidenciando a complexidade das relações entre religião, cultura e conhecimento na sociedade brasileira oitocentista.

Dessa forma, conclui-se que a imprensa espírita, longe de ocupar uma posição marginal, desempenhou papel significativo na configuração do campo intelectual da Corte, atuando como agente de mediação, formação e disputa. A revista analisada constitui, assim, um testemunho privilegiado desse processo, permitindo compreender como diferentes estratégias foram

mobilizadas para construir legitimidade e inserir uma nova doutrina no interior de uma sociedade em transformação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de; GOMES, Adriana; PIMENTEL, Marcelo Gulão. Um panorama histórico da trajetória do espiritismo da França até o Brasil. *Interações*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 213–233, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/29088>. Acesso em: 09 abr. 2026.
- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal, o espiritismo é religião? A doutrina de Allan Kardec no Brasil*. 226 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- CONCEIÇÃO, Paulo da. “As almas da nação”: o espiritismo, a geração de 1870 e as “questões sociais” na passagem do Império para a República no Brasil. *Revista Em Tese*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 9–30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/94126>. Acesso em: 04 abr. 2026.
- DAMAZIO, Sylvia Fernandes. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.
- KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. 54. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111–153.
- MARQUES, Marcos Moreira. A ciência espírita: da França a sua chegada ao Rio de Janeiro imperial. *Interações*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 276–296, 2022. DOI: 10.5752/P.1983-2478.2022v17n2p276-296. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/27529>. Acesso em: 07 abr. 2026.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TERINI, Ricardo Andrade. Allan Kardec e o progresso da ciência. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 22, n. 67, p. e226704, 2024. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2024v22n67e226704. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/31864>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro, anos 1 e 2, 1881-1882. Coleção completa. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- SOUZA, Alexander José de; BIEITES, Aline Rocha. O positivismo e o movimento espírita no Brasil. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 54–58, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14950>. Acesso em: 15 abr. 2026.

*Submetido em abril de 2026
Aprovado em maio de 2026*

Informações dos autores

Alessandro Santos da Rocha
Universidade Estadual de Maringá
E-mail: asrocha2@uem.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2664-5224>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1622339109413385>

Marco Antonio de Oliveira Gomes
Universidade Estadual de Maringá
E-mail: maogomes@uem.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2397-5615>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0581840246394811>

Italo Ariel Zanelato
Universidade Estadual de Maringá
E-mail: iazanelato2@uem.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2072-8405>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6383304497323065>